



**A Advocatus foi conhecer nove advogados de diferentes firmas que começam a assumir-se no mercado. Uma nova geração com uma visão distinta e que serão parte do futuro da advocacia.**

**A** advocacia que se pratica em 2020 não é a mesma que a exercida há 10, 20 ou 30 anos. O setor modernizou-se, ficou mais tecnológico e com esta evolução também novas gerações de advogados começam a dar cartas no mercado da advocacia de negócios.

A Advocatus foi conhecer nove histórias de advogados que estão a começar a ter protagonismo nas principais firmas de advogados do país.

Um ponto é unânime: **nenhum está arrependido de ter seguido direito e se voltassem atrás no tempo manteriam a decisão de ingressar na carreira de advogado.** “Desde muito cedo que as minhas brincadeiras de criança giravam em torno do mundo do direito. Consistentemente, ou era juiz, ou procurador, ou advogado. **Exercer advocacia não foi uma escolha imediata, mas foi consciente e da qual não me arrependo**”, contou Diogo Castanheira Pereira, associado da CMS Rui Pena & Arnaut.

**“Com a existência de concorrência feroz, qualquer negócio, e quer se goste quer não, temos um negócio em mãos, tem de se adaptar e ter novas formas de atuar, o que pode implicar repensar aspetos do modelo de negócio.”**

Tereza Garcia André  
Associada da Miranda & Associados

Por outro lado, Mafalda Rodrigues Branco, associada da SRS Advogados, começou por entrar no curso de Comunicação Social, mas na véspera das inscrições mudou de ideias e inscreveu-se em direito. **“Faria tudo de novo”, garantiu.**

**“Apesar de não estar arrependido, repetir a área e o curso parece um desperdício do dom de viver duas vezes.** Voltando atrás no tempo, seguiria talvez os sonhos da arqueologia e paleontologia, resquícios de uma infância carburada a Indiana Jones e Jurassic Park. Falhando isso, o jornalismo. Seriam outras desilusões, mas sempre se variava”, contou Pedro Fontes, associado da Vieira de Almeida (VdA).

Também Rita Nunes dos Santos, advogada sênior da Moraes Leitão, mantinha a sua decisão de seguir direito, uma vez que esta área permite **“constantes explorações por outras áreas, tornando o trabalho do dia-a-dia muito variado”.**



Alexandra Martins integra a Serra Lopes, Cortes Martins & Associados desde 2007, centrando a sua atividade nas áreas de direito comercial e societário, fusões e aquisições, direito dos contratos e assessoria corporativa. Para a advogada a **experiência na firma não poderia ter sido melhor.**

**“É uma sociedade extremamente humana, em que as pessoas se preocupam muito umas com as outras e tentam ser melhores todos os dias.** Foi a sociedade que me permitiu crescer profissionalmente, que me orientou deontologicamente e que cedo me pôs em contacto com muitos temas e transações que acabaram por transformar a minha experiência enquanto advogada, a que recorro todos os dias no exercício da profissão”, referiu Alexandra Martins.

Associada sénior da área de público da PLMJ desde 2017, **Carla Machado** **perspetiva que daqui a dez anos esteja na mesma firma e na mesma área**, mas que haja um crescimento enquanto profissional.

“Espero que **os próximos dez anos me permitam continuar a crescer como advogada e como profissional**, assumindo novos desafios e desenvolvendo novas capacidades, tendo em vista continuar a construir a minha carreira e contribuir com o meu trabalho e o meu conhecimento para continuar a promover a cultura de excelência da PLMJ e fazer, à escala do que se pede da assessoria jurídica, prosperar o país”, referiu.

Na PLMJ há mais de 12 anos, Carla Machado afirma que a experiência tem sido “fantástica” e considera já a sociedade como a sua casa. **“Aqui tenho aprendido com os melhores a ser advogada, aqui cresço enquanto profissional**, aqui tenho contacto com assuntos complexos e exigentes, que reforçaram o meu gosto e interesse pelo direito, bem como me desafiam a colocar-me perante os clientes numa perspetiva de parceiros na solução de problemas que impactam o seu negócio e vida das instituições”, notou.

**“Espero que os próximos dez anos me permitam continuar a crescer como advogada e como profissional, assumindo novos desafios e desenvolvendo novas capacidades.”**

Carla Machado  
Associada sénior da PLMJ

A associada sénior da PLMJ acredita também que nesta profissão todos os dias são diferentes e por isso todos os dias existem novos desafios. Em concreto sobre a pandemia Covid-19, um desafio que assola todos os setores e profissões, **refere que o momento que o mundo está a atravessar assusta-a**.

“Esta pandemia impacta diretamente no exercício de diversas profissões, quanto mais não seja pela necessidade de readaptar formas de trabalho neste novo contexto. **Felizmente, julgo que temos a enorme mais-valia de podermos acompanhar todos os nossos clientes e assuntos à distância**”, garantiu.



Centrando a sua atividade nas áreas de direito civil, processual civil e arbitragem, **Diogo Castanheira Pereira caracteriza a experiência na CMS Rui Pena & Arnaut como “positiva” e “enriquecedora”**.

“Tenho também a sorte de acompanhar o percurso e a evolução da sociedade nos últimos dez anos, com todas as suas vicissitudes e nas suas diversas etapas. **Tive também a privilégio de conhecer e trabalhar de perto com o Dr. Rui Pena e de ainda fazer parte de um projeto coletivo** e com grande enfoque pessoal na gestão dos advogados e na relação com cada cliente”, contou o associado.

Com um percurso de cerca de dez anos, à *Advocatus* contou que existiram dois principais desafios que enfrentou no seu percurso: a **“escolha entre a advocacia e a magistratura”** e a **“conciliação e o equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal”**.

**“Tive também a privilégio de conhecer e trabalhar de perto com o Dr. Rui Pena e de ainda fazer parte de um projeto coletivo e com grande enfoque pessoal na gestão dos advogados e na relação com cada cliente.”**

Diogo Castanheira Pereira  
Associado da CMS Rui Pena & Arnaut

Sem medo que a pandemia possa vir a prejudicar a sua carreira, o associado da CMS afirmou que devemos encarar o momento como uma **“nova oportunidade para repensar a forma de trabalho, de relação com os clientes e de presença em novos mercados”**.

Daqui a dez anos **vê-se a continuar a crescer com a CMS e em equipa.** "Tratando-se de uma sociedade internacional, oferece uma visão estratégica única e sem precedentes, quer ao nível de projetos quer ao nível de ferramentas tecnologicamente avançadas, processos e método de trabalho, permitindo assim, assegurar um percurso de consolidação profissional ímpar e extrair as potencialidades de cada elemento da equipa", acrescentou.



Mafalda Rodrigues Branco integra o departamento de contencioso da SRS Advogados desde 2013 e admite que **a firma tem um dos "melhores ambientes" que conhece**, pois cada um tem o seu "espaço e reconhece e respeita o espaço do outro".

"Sinto que me deram desde o início toda a liberdade e responsabilidade para gerir os casos em que trabalhei e de crescer enquanto advogada. E acima de tudo, sinto que a SRS premeia a dedicação ao projeto", assegurou a associada.

Sem nunca ter feito outra coisa da vida, Mafalda Rodrigues Branco afirma que a advocacia é uma das profissões mais intensas e na qual se prescinde mais da vida pessoal. "Na advocacia, há um compromisso com a profissão e com os clientes que não consigo explicar", acrescentou.

**"O principal desafio que enfrento diariamente é o de estar disponível e responder com qualidade às necessidades e expectativas do cliente."**

Mafalda Rodrigues Branco  
Associada da SRS Advogados

"O principal desafio que enfrento diariamente é o de estar disponível e responder com qualidade às necessidades e expectativas do cliente e, quando possível, desligar o pensamento de todas essas responsabilidades. O equilíbrio é certamente o mais difícil nesta profissão", notou a associada.

Sobre a nova rotina que a pandemia provocou, **assegura que foi "muito duro" trabalhar em teletrabalho como se estivesse no escritório.** "Tenho duas filhas, uma com quatro anos e outra com menos de dois anos, e mais não é preciso dizer", disse.

A associada da SRS, que recentemente foi promovida a *managing associate*, perspetiva que daqui a dez anos continue dentro de uma sociedade de advogados, devido ao facto de gostar de litigar em tribunal e debater estratégias jurídicas para aumentar as probabilidades de sucesso dos clientes.

Na Sêrvulo & Associados desde 2013, Miguel Santos Almeida afirma que estes sete anos têm um significado de realização pessoal. "Pelos valores que compõem a matriz identitária da sociedade, pela intransigência na qualidade dos serviços prestados e pelo elevado valor (profissional e humano) das pessoas que a integram", referiu.

O advogado, que integra a equipa de contencioso, arbitragem e exerce ainda nas áreas de penal e contraordenações e direito do desporto, **garante que o setor é dotado de uma flexibilidade que lhe permite adaptar-se aos contextos macroeconómicos mais exigentes**, como a pandemia.

**"Tenho tido a sorte de poder trabalhar em casos que vão marcando a minha carreira e que, cada um à sua maneira, me fazem convicto de que vale a pena lutar pelas causas dos nossos clientes."**

Miguel Santos Almeida  
Advogado da Sêrvulo & Associados

“Em situações de crise, a função do advogado torna-se ainda mais relevante, multiplicando-se as situações em que o apoio de um advogado se revela necessário. Certas áreas são tipicamente chamadas com maior intensidade, podendo adivinhar-se para os próximos tempos um aumento de protagonismo de áreas como o laboral, o direito financeiro, as insolvências e a recuperação de empresas e também algum contencioso mais associado a disputas contratuais e regulatórias”, explicou Miguel Santos Almeida.

O facto de integrar em diversas áreas na sociedade, o advogado acredita que tem feito um percurso “rico em desafios e experiências profissionais diversificadas”. “Tenho tido a sorte de poder trabalhar em casos que vão marcando a minha carreira e que, cada um à sua maneira, me fazem convicto de que vale a pena lutar pelas causas dos nossos clientes”, acrescentou.

Daqui a dez anos, Miguel Santos Almeida quer continuar a exercer advocacia como tem exercido até ao momento: “livre” e “empenhado” na defesa das causas dos clientes.



“Muito satisfatória”. Foi assim que Pedro Fontes, associado coordenador da área de saúde da Vieira de Almeida (VdA) caracterizou a experiência na firma liderada por João Vieira de Almeida.

O advogado afirmou à *Advocatus* rever-se em três traços mais distintivos da cultura “forte” da VdA: na ideia de que a “solução jurídica é uma obra coletiva, produzida por uma equipa que colabora, faz escola e transmite tradições”; na “crença de que essa equipa não deve ser monolítica nem uniforme, mas antes valorizada pela heterogeneidade e expressão individual de cada membro”; e na “convicção de que o serviço jurídico não é apenas um produto, mas um dever para com a comunidade, contraído pelo simples privilégio de o poder contrair”.

No que concerne ao principal desafio que enfrentou na sua carreira, Pedro Fontes aponta dois: o de ingressar na área da saúde e o passo de se responsabilizar pela formação de novos estagiários e associados.

“ A tragédia está lá fora, junto daqueles que não têm rede ou a possibilidade de se adaptar, nos que não têm acesso à oportunidade da mudança e por isso se tornam vítimas dela.”

Pedro Fontes  
Associado da Vieira de Almeida

Perante o momento que se está a viver no mundo e o facto de lhe poder prejudicar a carreira, o associado da VdA afirma que não, pois pode ser sempre “paleontólogo”, e reconhece que a pandemia já lhe “cortou os dedos”, lembrando uma provocação de Mel Brooks (“tragédia é quando eu corto o meu dedo numa folha de papel. Comédia é quando tu caís num esgoto aberto e morres”).

“Mas a tragédia não está propriamente em grandes escritórios de advogados, com acesso a operações marcantes, onde o risco é mutualizado por uma grande equipa em inovação permanente e por um prestígio conquistado por advogados extraordinários. A tragédia está lá fora, junto daqueles que não têm rede ou a possibilidade de se adaptar, nos que não têm acesso à oportunidade da mudança e por isso se tornam vítimas dela”, referiu.

Para Pedro Fontes, os advogados não devem “enclausurar-se”, devendo antes “**emprenhar os seus talentos numa recuperação disciplinada, justa e solidária**, e devem fazê-lo com a generosidade possível, que será também a devida”. No futuro planeia continuar a **servir os clientes**, ajudar ao **crescimento da VdA**, ensinar os “**miúdos**” e “**disseminar a convicção de que o direito, bem feito, é a única garantia de Justiça**, e a Justiça é uma coisa que devemos à comunidade”.



Rita Nunes dos Santos é advogada sênior na Morais Leitão, centrando a sua atividade nas áreas de contencioso e arbitragem. **Feliz com a experiência que tem tido desde 2008 na firma, a advogada afirmou rever-se nos “valores” e “pessoas”.**

“O desafio constante é **procurar manter a qualidade jurídica equilibrando com outras preocupações que já não são tanto do núcleo duro do direito** mas que são essenciais para um advogado hoje em dia, como estar mais alerta para vertentes mais empresariais da profissão, como o *client care* ou a promoção interna e externa”, considerou.

Para a advogada da Morais Leitão, o **equilíbrio entra a vida profissional e pessoal é ainda um desafio**, até porque as exigências “tendem a ir aumentando”.

**“Esta crise tem potencial de vir a gerar novas situações de litígio no futuro, com contratos que chegam ao fim, alegações de alterações das circunstâncias, etc..”**

Rita Nunes dos Santos  
Advogada sênior da Morais Leitão

“**Vivemos uma situação inédita e que há alguns meses atrás parecia impensável, pura ficção científica**, que abalou as nossas estruturas e aquilo que tínhamos como certo de uma forma muito visceral, trazendo uma grande incerteza e indefinição para o futuro”, assegurou sobre a pandemia.

Rita Nunes dos Santos sentiu que o **volume de trabalho se manteve relativamente estável mesmo durante o período mais crítico do confinamento**. “Esta crise tem potencial de vir a gerar novas situações de litígio no futuro, com contratos que chegam ao fim, alegações de alterações das circunstâncias, etc.. Em todo o caso, **surpreendeu-me a forma como facilmente nós, os clientes e até os tribunais nos adaptámos a estas mudanças**”, acrescentou.

A advogada sênior perspetiva que daqui a dez anos haja um “**modelo de carreira mais flexível, menos fechado no modelo tradicional, muito verticalizado no registo da subida do estagiário até sócio de indústria, com mais espaço para modelos de carreira alternativa**”.



"Encaro o momento que se está a viver no mundo como uma oportunidade para os advogados se adaptarem a outras formas de trabalhar, as quais ainda que apresentem os seus desafios, permitem também uma maior flexibilidade na organização do trabalho e na gestão da vida familiar". É assim que Sara Soares, associada sénior da Abreu Advogados, vê o momento que o mundo se encontra a atravessar.

Na firma desde 2008 e com foco nas áreas de contencioso e consultoria fiscal, Sara Soares admite que tem sido um "caminho muito feliz". "Tenho o privilégio de trabalhar com uma equipa na verdadeira aceção da palavra, com colegas que estão, na sua maioria, há já alguns anos na Abreu, o que garante uma estabilidade que permite que a qualidade do trabalho saia reforçada", acrescentou.

"Encaro o momento que se está a viver no mundo como uma oportunidade para os advogados se adaptarem a outras formas de trabalhar."

Sara Soares  
Associada sénior da Abreu Advogados

Na sua carreira a gestão do tempo é o principal desafio que enfrenta, tanto da simultaneidade de alguns projetos, como da gestão do tempo pessoal e profissional.

"É uma aprendizagem que me parece ser transversal a diversas áreas profissionais, mas que diria que é um tópico com o qual os advogados, especialmente os que lidam com prazos judiciais, terão necessariamente de lidar na sua carreira", referiu a associada sénior.

Sara Soares contou à *Advocatus* uma ambição para o futuro: "assegurar que outras funções que, com o passar do tempo e a evolução na carreira, naturalmente se vão somando àquela de ser apenas advogada, coexistem com, e não suplantam, esta".



Tereza Garcia André é associada da Miranda & Associados e conta com mais de cinco anos de experiência, tendo sido responsável pelo escritório da firma em Timor-Leste entre 2016 e 2017, o seu maior desafio profissional.

"Tinha 27 anos quando abracei este desafio. Foi uma experiência imensamente enriquecedora a nível profissional e pessoal. Para além de ter sido possível conhecer um país cheio de potencial, inserido num contexto geopolítico e cultural diferente, o trabalho é interessante e desafiante, havendo vários aspetos, para além dos técnicos, que devem ser ponderados na sua execução", contou.

A advogada garante que a sua experiência na sociedade tem sido "enriquecedora" e "progressiva", após oito anos e meio. "Por ser uma sociedade estruturada e multidisciplinar, dá espaço aos seus associados para desenvolverem os seus interesses e mais-valias, bem como trabalharem nas suas áreas de preferência", notou.

"Há que arranjar mecanismos pessoais para ultrapassar as ansiedades e, a nível profissional, ver as oportunidades que podem surgir."

Tereza Garcia André  
Associada da Miranda & Associados

Tereza Garcia André referiu ainda que o facto de o escritório estar presente em 19 jurisdições, com clientes espalhados por todo o mundo, "permite o contacto com realidades e formas de trabalhar diversas".

Apreensiva com o futuro devido à Covid-19, a **associada garantiu contudo esta não é a primeira, e não será a última, crise que vamos atravessar.** “Há que arranjar mecanismos pessoais para ultrapassar as ansiedades e, a nível profissional, ver as oportunidades que podem surgir. A Humanidade tem tido sempre forma de se reinventar e convém acompanhar esta atividade de inovação ou de ponderação de opções feitas até aqui”, acrescentou.

“Ainda se planeia a 10 anos? Bem, diria que a **perspetiva é continuar numa organização com uma estrutura consolidada,** cuja atividade reflete os valores e princípios que adotou, com consciência social, com forte interesse no desenvolvimento dos seus colaboradores e com uma verdadeira projeção internacional”, perspetivou Tereza Garcia André.

## Uma advocacia com desafios urgentes

Com a mediatização dos advogados, os entrevistados mostram-se divididos sobre se é um ponto a favor ou contra a profissão, mas **consideram que continua a ser de prestígio.**

“É manifesto que a profissão de advogado já teve mais prestígio do que tem atualmente. **Será talvez um sinal dos tempos, resultado de uma profissão cada vez mais massificada e de uma sociedade cada vez mais mediatizada.** Essa excessiva mediatização, não apenas dos advogados, mas dos processos e de tudo o que diga respeito à Justiça, não será seguramente um aspeto positivo dos nossos tempos”, considerou Miguel Santos Almeida, da Sérvulo.

**“As profissões jurídicas, por falta de incentivo ou interesse, nunca souberam comunicar ao grande público.”**

Pedro Fontes  
Associado da Vieira de Almeida

Já Sara Soares, da Abreu Advogados, reflete que a profissão já contou com significativamente menos profissionais em momentos mais delicados e de crise. **“A mediatização dos advogados pode também ser perspetivada como uma possibilidade de tornar esta profissão que se alicerça em procedimentos e linguagem tão técnicos, mais próxima de todos aqueles que acedem aos meios de comunicação social”,** acrescentou.

Com pontos a favor e contra, Carla Machado exemplificou certos aspetos. “Em termos positivos, julgo que a mediatização contribui, não raras vezes, para **promover a transparência de processos e de procedimentos e permite à comunidade em geral ter conhecimento** daquilo que caracteriza o exercício da profissão de advogado. Todavia, como em todas as áreas, a **mediatização quando levada a um ponto sem crivos e sem freios, pode impactar negativamente na classe, muitas vezes sem qualquer fundamento válido**”, explicou.

Numa era cada vez mais dinâmica e globalizada, vários são os desafios que atingem o setor da advocacia. À *Advocatus*, os advogados indicaram alguns como a **proteção do segredo profissional, a reinvenção da advocacia, as novas tecnologias, os comportamentos internos da classe, assegurar a mesma qualidade e rigor, apatia e o choque geracional e a vontade de regenerar as firmas internamente.**

“Talvez o maior desafio seja o de conseguir assegurar a **mesma qualidade e rigor nos serviços que prestamos,** tendo em conta os tempos de resposta e *timings* exigidos pelos clientes e pelo mercado nos dias de hoje”, indicou a advogada Alexandra Martins.

**"É manifesto que a profissão de advogado já teve mais prestígio do que tem atualmente."**

Miguel Santos Almeida  
Advogado da Sérvulo & Associados

Com pontos a favor e contra, Carla Machado exemplificou certos aspetos. "Em termos positivos, julgo que a mediatização contribui, não raras vezes, para **promover a transparência de processos e de procedimentos e permite à comunidade em geral ter conhecimento** daquilo que caracteriza o exercício da profissão de advogado. Todavia, como em todas as áreas, a **mediatização quando levada a um ponto sem crivos e sem freios, pode impactar negativamente na classe, muitas vezes sem qualquer fundamento válido**", explicou.

Numa era cada vez mais dinâmica e globalizada, vários são os desafios que atingem o setor da advocacia. À *Advocatus*, os advogados indicaram alguns como a **proteção do segredo profissional, a reinvenção da advocacia, as novas tecnologias, os comportamentos internos da classe, assegurar a mesma qualidade e rigor, apatia e o choque geracional e a vontade de regenerar as firmas internamente**.

"Talvez o maior desafio seja o de conseguir assegurar a **mesma qualidade e rigor nos serviços que prestamos**, tendo em conta os tempos de resposta e *timings* exigidos pelos clientes e pelo mercado nos dias de hoje", indicou a advogada Alexandra Martins.

**"É manifesto que a profissão de advogado já teve mais prestígio do que tem atualmente."**

Miguel Santos Almeida  
Advogado da Sérvulo & Associados

Pedro Fontes reflete que a **apatia é o maior desafio que a advocacia enfrenta atualmente**. "As profissões jurídicas, por falta de incentivo ou interesse, nunca souberam comunicar ao grande público. O universo do direito obedece a uma lógica de nicho, com códigos e rituais privativos, que desencorajam a intervenção cívica e a participação da sociedade civil. **O resultado é uma população desatenta, que raramente repara na realização da Justiça, mas frequentemente se depara com o seu deturpamento**. Uma população que crê – porque as aparências lhe dão motivo para crer – que a Justiça ainda serve interesses particulares e ideologias políticas", explicou.

Numa era demarcada pela inteligência artificial e por um desenvolvimento acentuado das novas tecnologias e das estratégias de marketing, **Tereza Garcia André considera que é necessário os advogados adaptarem-se**.

"Com a existência de concorrência feroz, qualquer negócio, e quer se goste quer não, temos um negócio em mãos, **tem de se adaptar e ter novas formas de atuar, o que pode implicar repensar aspetos do modelo de negócio**. Este pode ser um novo fator de diferenciação dos serviços prestados. Não só pela adoção ou não da tecnologia, o que só por si pode ser diferenciador, como pelo filtro que ela própria pode criar em termos de uma carreira na advocacia", referiu a associada da Miranda & Associados.